

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E
RESPECTIVAS LITERATURAS**

CAPITU: UM SÍMBOLO DA MULHER AUTOLIBERTÁRIA

Autora: Juceli Fatima Parmegiani

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Silveira Maia

JUÍNA/2011

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA

CAPITU: UM SÍMBOLO DA MULHER AUTOLIBERTÁRIA

Autora: Juceli Fatima Parmegiani

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Silveira Maia

“Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras – Habilitações Português/Inglês e Respectivas Literaturas, do Instituto Superior de Educação da AJES, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras”.

JUÍNA/2011

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Especialista Kátia Freitag

Prof^a. Ma. Marina Silveira Lopes

ORIENTADOR

Prof. Dr. Cláudio Silveira Maia

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me concedeu a vida e me deu uma família maravilhosa, que por meio destes me ensinaram a ser digna e a lutar na persistência da vitória.

Agradeço incessantemente por tê-los ao meu lado.

Ao professor Dr. Claudio Silveira Maia, por me orientar neste trabalho de conclusão de curso e pelos momentos de dedicação e exigência que me levaram a desenvolver um bom trabalho devido aos ensinamentos que ele me ofereceu.

A cada integrante da “turma do fundão”, que mesmo em momentos tensos nunca nos desvencilhamos do foco e dos objetivos, muito menos da amizade que surgiu ao longo dos três anos do curso.

Agradeço a todos que acreditaram em mim e me oportunizaram momentos de muita alegria, em especial a cada professor que passou por nossa turma de Letras para desenvolver vossos trabalhos.

Mais uma vez, aos meus pais que diante de tantas dificuldades sempre me incentivaram a continuar, mãe e pai, esta vitória é para vocês.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais que, mesmo diante das dificuldades, sempre me ensinaram a persistir.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo vislumbrar a repressão sexual e a marginalização da mulher brasileira a partir da visão feminina expressa em Capitu, personagem de um dos mais importantes romances realistas: *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Nesse sentido, além de mostrar uma mulher que fora educada para a *clausura* do lar, numa condição preestabelecida de ser apenas mãe e dona de casa, mostraremos também uma mulher cerceada do direito ao prazer sexual e subjugada pelo gênero masculino, ao que Capitu então insurge, pelo crivo machadiano, como ícone de uma mulher que pretende libertar-se da marginalização milenar e assumir uma identidade própria e naturalmente legitimada pela feminilidade. Para cumprir essa proposta, empreendeu-se uma análise da história protagonizada por Capitu, a partir da crítica feminista, mas principalmente pós-colonial, visitando-se ainda a crítica literária sócio-histórica empenhada por nomes como, por exemplo, Mary Del Priori e Afrânio Coutinho.

Palavras-Chave: Sexualidade. Feminismo. Dom Casmurro.

ABSTRACT

This work aims to glimpse the sexual repression and marginalization of the Brazilian women from a feminine view expressed in *Capitu* character of one of the most important realistic novels: *Dom Casmurro*, by Machado de Assis. This way, in addition to show a woman who had been educated to the closing of the home, a predetermined condition to be just the mother and housewife, we will also show a woman curtailed the right to sexual pleasure and subjugated by the male gender, *Capitu* turns into , screened by Machado de Assis, an icon of a woman who wishes to break free of the ancient marginalization and assume their own identity and naturally legitimated by femininity. To accomplish this proposal, It has been proposed an analysis of the story starring *Capitu* from the feminist critique, but mainly post-colonial, also reaching the socio-historical literary criticism committed by names such as Mary Del Priori and Afranio Coutinho.

Keywords: Sexuality, Feminism, Dom Casmurro

SUMÁRIO

Introdução.....	09
<i>Dom Casmurro</i> : síntese comentada.....	11
A heterotopia feminista em Capitu.....	23
Considerações Finais.....	34
Referências.....	35

INTRODUÇÃO

Esse trabalho abordará uma análise da obra Dom Casmurro do grandioso e consagrado escritor da literatura brasileira, Machado de Assis. Nesta análise será mostrada Capitu como uma mulher pura, ingênua, que devido ao ciúme do marido obsessivo e à convenção social de gênero da época, é vista com maus olhos pela sociedade machista da qual faz parte.

Devido a margem de tantas interpretações do próprio livro, quanto a de vários autores sobre o romance Dom Casmurro, a imagem de mulher que traz Capitolina é uma imagem de mulher que comete adultério, o que para o século XIX seria um escândalo, e que ainda hoje não é bem visto pelos olhos da sociedade, pois carrega raízes profundas dos antecedentes históricos. Há muito tempo a imagem da mulher é a de estar sempre sob domínio e o poder dos homens. O que ninguém da época esperava, entretanto, é que justamente na personagem que causa tanta dúvida e intriga, Capitu, surgem reflexos da mulher do século atual, ou seja, comportamentos liberais e atitudes de mulher de gênio forte.

O comportamento das mulheres é muito observado e questionado pela sociedade de forma geral, sugerindo posturas formais e submissas ao sexo forte, ou seja, o homem. Esse panorama presente ainda em nossos dias oportuniza a avaliação do comportamento de Capitu através da literatura, e possibilita identificar quais eram os devidos comportamentos que as mulheres brasileiras deveriam seguir e o que a mesma passou, por romper com as etiquetas machistas da época.

A análise do comportamento de Capitu será através de um olhar crítico e feminista, mostrando suas heterotopias¹ e acusações sofridas por ela, comparando-a com a sociedade da época, mostrando que a mulher brasileira era vista como um bibelô de estante, que devia unicamente ser responsável pela casa, criação e educação dos filhos e dar prazer ao marido sem deixar explícita sua vontade sexual, sem ter os mesmos direitos que o homem.

A sociedade estabelece regras com objetivo de controlar o livre arbítrio e conseqüentemente direcionar as atitudes e comportamento das pessoas. Contrariar as regras é ser diferente criando espaço para questionamentos. A liberdade feminina

¹ Os diversos espaços ocupados pela mulher a partir das conquistas do feminismo.

está em processo de construção mesmo com a exigência do mercado e vida cotidiana para uma inserção no mercado de trabalho e/ou expressões de ideias.

DOM CASMURRO: SÍNTESE COMENTADA

Sem acesso ao discurso, usurpado, sutilmente, pela palavra autoritária do marido, algoz, em pele de cordeiro vitimado (FILHO, 1998, p. 11).

Joaquim Maria Machado de Assis foi um brilhante escritor da época do realismo, que desde muito jovem iniciou seus escritos literários. Vejamos nas palavras de Souza: “quão cedo se manifestou a vocação literária em Machado de Assis, vocação jamais traída em 54 anos de carreira”. (SOUZA, 1979, p. 18). E assim começaram a ser geradas escritas que muitas vezes intrigam aos críticos da literatura aumentando ainda mais a fama do nome Machado de Assis.

Machado de Assis em uma de suas mais famosas obras, *Dom Casmurro*, indagou e levantou suspeita aos leitores e aos críticos da literatura brasileira, com suas várias faces de interpretação, dentre elas, a principal, a narrativa de um marido traído e casmurro, de acordo com a sua própria visão. Não podemos esquecer que a história é narrada pelo próprio personagem, que diante de uma visão individual dos fatos, se coloca como vítima do adultério de sua esposa Capitolina.

Segundo o que Fernando Sabino diz em seu livro *Amor de Capitu*, uma leitura fiel do romance de Machado de Assis sem o narrador Dom Casmurro, “a narração do romance na primeira pessoa apresenta uma versão sobrecarregada de digressões, comentários do pseudo-autor travestido em cronista de época, conceitos (e preconceitos) como caracterização psicológica de um dos principais personagens, Bento Santiago já idoso” (SABINO, 2000, p. 8).

De certa forma, o romance de Machado de Assis representa a estrutura das histórias dos contos de fadas, um homem de prestígio social que se deixa levar pelo amor por uma moça pobre e muito esperta, que enfrenta desafios mas se unem pelo matrimônio; entretanto, a história não termina com o tão esperado “felizes para sempre”.

Quem narra a história é Bento Santiago a fim de “atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 10).

Justamente por ser narrada por ele, um ser masculino, Capitu, a quem ele julga adúltera, não tem voz para defesa, o que significa que pode haver deturpação dos acontecimentos narrados, uma vez que cada um faz uma interpretação particular dos fatos.

Ela está introduzida no decorrer do romance apenas para ser julgada e analisada pelos olhos machistas de um marido obsessivo e perturbado pelo ciúme.

Logo de início, no capítulo 3, José Dias ao contar para Dona Glória que Bentinho e Capitu andavam metidos nos cantos sempre juntos, de segredinho, a chama de desmiolada. Dando a entender que desde menina, a moça já tinha uma imagem pré-concebida que difama sua moral feminina.

Bentinho estava até então destinado a cumprir os desejos de sua mãe. Sem opção de escolha, ela simplesmente o fazia por ele, por isso, seria padre. Ora, “uma vez que não perdeu a ideia de fazê-lo padre, tem-se ganho o principal. Bentinho há de satisfazer os desejos de sua mãe” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 13).

A ideia de Bento tornar-se sacerdote veio logo em sua concepção, nascido morto o primogênito de sua mãe, a mesma apegou-se com Deus na esperança de que o segundo filho nascesse bem e com vida, prometendo assim, se fosse homem, que serviria a igreja católica.

D. Glória chorou por seu filho, contudo, e em que pese as lágrimas serem de culpa, ela deveria manter a promessa, seu filho único estava destinado a servir a Deus, à igreja e conseqüentemente ao povo. Bentinho seria um sacerdote.

Num certo momento, porém, depois de ouvir as palavras de José Dias, que denunciavam a aproximação dos pequenos (Bentinho e Capitu), o criança ficou perturbado, e a cada momento, as mesmas palavras lhe repetiam na memória, como se fosse uma perseguição. Isto o fez pensar sobre os momentos que passavam juntos. Note-se: “e comecei a recordar esses e outros gestos e palavras, o prazer que sentia quando ela me passava a mão pelos cabelos, dizendo que os achava lindíssimos” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 25). Percebemos aqui que o menino se sente envolvido por Capitu, que representa estar verdadeiramente encantada pelo amigo.

Verdadeiramente encantada, pois, ao chamá-lo de bonito, mocetão, ao pegá-lo pela mão, passar as mesmas pelo cabelo que achava lindíssimo, por sinal

“ouvia-lhe contar que sonhara” com ela, tudo isso denuncia que o amor estava surgindo dentro daquele coraçãozinho inocente de menina moça.

A bela, muitas vezes, dizia-lhe que “em todos esses sonhos” andavam “unidinhos” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 25), enquanto o narrador da história admite que até então não sente nada mais do que simples sentimento de convívio familiar; ao contrário da menina, que estava descobrindo um amor de criança, cândido e inofensivo.

Capitu se comporta como uma adolescente descobrindo o significado da palavra amor, sem malícia, sem maldade, afinal, não se controla sentimentos, eles, conforme pensamos, apenas surgem.

A partir das perguntas que lhe importunavam a memória, o rapazinho começa a se envolver pela moça. “[...] Era fenômeno recente acordar com o pensamento em Capitu e estremecer quando lhe ouvia os passos” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 26).

Só então, depois de se envolver pelos carinhos de Capitolina, sendo ela a primeira a demonstrá-lo, carinho ingênuo, puro e verdadeiro, é que Bento Santiago percebe que está se deixando levar por esses encantos:

“Eu amava Capitu! Capitu amava-me! E as minhas pernas andavam, desandavam, estacavam trêmulas e crentes de abarcar o mundo” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 26).

Capitu demonstrava sempre seus carinhos e cuidados pelo até então amigo, e ele, na ânsia da descoberta desse sentimento maior, o amor, se entrega sem hesitar, e logo admite estar compartilhando desse sentimento também.

Capitu, em um gesto impensado, denuncia-se de vez, estar apaixonada por Bento ao escrever o nome de ambos no muro, e deixaram-se levar pelo momento de timidez e revelação em que particularizam: “não falamos nada; o muro falou por nós” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 29). Deixaram-se entrelaçar por um momento de “confissão de crianças”, como o próprio narrador confessa.

O menino de quinze anos ao experimentar do sentimento novo, passa a ver a colega com outros olhos, passa a ter desejos por ela, e em suas missas de brincadeira a imagina como o cálice, do qual ele beberá o vinho, anseia por um

beijo, “a boca podia ser o cálix, os lábios a patena” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 29).

A jovem, sempre fora muito esperta, expressiva e decida. Na adolescência, a maioria das vezes era ela quem pensava pelo casal e isso deixava Bento abaixo do poder da relação, ele um homem comandado por uma mulher, ainda por cima de menos idade. É claro, naquela época e nesta também, qualquer um em seu lugar ficaria com ciúmes da situação. O poder é algo que todos almejam. Diante disso, faz discurso em sua narrativa, insinuando nas palavras que Capitu ainda novinha já era atrevida, sinuosa em suas ideias, e, depois, tivera outras muito mais:

Capitu, aos quatorze anos, tinha já idéias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois; mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 37).

E mais, ainda na mesma página, aproveitando do discurso em primeira pessoa, sem direito de resposta diz que ela o manipulara, persuadira, e que disso, não se admira.

Tal era a feição particular do caráter de minha amiga; pelo que, não admira que, combatendo os meus projetos de resistência franca, fosse antes pelos meios brandos, pela ação do empenho, da palavra, da persuasão lenta e diuturna (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 37).

Com essas palavras, de homem amargurado, ressentido de poder de controle sobre a relação, ele mais uma vez degrada a imagem de Capitu, pelo simples fato de não admitir ter ao lado uma mulher astuta e esperta, com autocontrole e controle diante de determinadas situações, pois avalia cada uma com determinação e rapidez, coisa que ele não relata sobre si em seu discurso. Muito pelo contrário, chega até assumir que Capitu era muito mais mulher do que ele era homem.

Suas narrativas são ofensivas e devastadoras do caráter feminino, rebaixando a moral daquela que pensava e agia por ambos, no intuito de impedir que se afastassem, e que ele fosse para o seminário. Como se não bastasse, além de Bentinho corromper a imagem da mulher Capitu, José dias, o agregado da família Santiago se encarrega de fazer o mesmo, dizendo que a moça tem olhos que o

diabo lhe deu, “são assim, de cigana oblíqua e dissimulada” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 45). Com essas palavras, além de ser acusada de mulher falsa, passa a impressão de que é fingida e manipuladora, que se deixa passar despercebida como uma cobra, pronta para dar o bote letal.

Pensa-se em Capitu como uma mulher que por Bentinho apenas tinha interesses, mas, na narrativa, percebemos que “Capitu preferia tudo ao seminário. Em vez de ficar abatida à ameaça da larga separação, se vingasse a ideia [de Bentinho ir para a Europa] mostrou-se satisfeita” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 54). Isso deixa claro que por ser tão apaixonada pelo rapaz, ela preferia vê-lo longe; entretanto, não padre, pois se assim fosse, ela o perderia de vez. Portanto, muito melhor seria se ele estivesse longe, pois assim, ela teria a certeza que um dia seria dela, caso contrário, se ele fosse padre, jamais poderiam ser um casal.

No momento do beijo trocado pelos jovens, o narrador descreve todo um momento envolvente, que chama a atenção do leitor e depois acaba com o clímax dizendo: “o beijo de Capitu fechava-me os lábios” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 60). Já que o beijo fora trocado por ambos, essas palavras dão a entender que apenas a moça beijou, dá a ideia de que ela fora oferecida, querendo-o beijar, beijo forçado.

Dando continuidade ao beijo que ambos compartilharam, no capítulo 36, diz com todas as letras que Capitu foi quem provocou o gesto de aproximação entre eles. Omitindo-se, deixa toda e qualquer responsabilidade do ato sob os ombros de Capitolina. Como se não bastasse ser mulher no século XIX, (período em que se passa na obra), ainda mais, insinuante.

Em toda a descrição dos atos proferidos pelo narrador, percebemos que ele é um tanto quanto exagerado. Após o beijo desejado por ambos, as palavras não lhe passavam pela boca, recolheram-se ao coração ecoando: “eis aqui um que não fará grande carreira no mundo por menos que as emoções o dominem...” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 60). Ele estava aos pés da enamorada e está bem explícito aqui que se deixava dominar pelas emoções. Bento, e aqui não carinhosamente um Bentinho, não tinha controle sobre elas e só fará sucesso na vida caso as mesmas o dominem. Pois bem, ao término do romance estava tão atordoado, vendado, que até acusa a esposa de adultério. Suas palavras se tornaram reais, na esperança de o fazer conhecido. Para isso, faz tal declaração acusativa à mulher.

Dentre outras descrições, faz a seguinte “ tinha uns esquecimentos em que perdia a consciência de mim e das coisas que me rodeavam, para viver não sei onde nem como” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 61). Ele confessa que a mente vez ou outra lhe falhava. Sai do mundo real passando para a imaginação, onde troca o que é realidade para viver a fantasia. O que não parece ser apenas uma descrição de menino, uma vez que ele se descreve já mais velho, tentando atar as duas pontas da vida.

Mais além, diante da personalidade forte da menina, confessa ter inveja dela (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 67). Podemos perceber que desde muito cedo ele deseja possuir a personalidade, a individualidade de caráter que lhe falta e sobra em Capitu.

Descreve a donzela como alguém interesseira, manipuladora, de fato, devido à inveja que sente dela. Enquanto isso, sua mãe, D. Glória, falta pô-la em um pedestal. Ele a vê como uma “santa”, pura “cândida como a primeira aurora, anterior ao primeiro pecado” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 72). Percebemos assim, a distinção de caráter que faz entre a mãe e a enamorada.

Certa vez Bentinho fez Capitu prometer que só se confessaria com ele, caso virasse padre, e a segunda promessa é que ele além de ser o padre que lhe daria a absolvição e penitência, também seria quem faria seu casamento. A moça não aceitou, disse que iria demorar muito tempo, claro ela pensava em casar-se, afinal, se seu amado fosse para o seminário, ela não sacrificaria sua vida. Tinha planos de formar família como toda moça séria. Entretanto, disse que deixaria que fosse ele quem batizasse seu primeiro filho. Com isso, O casmurro ficou irritado, indignado com a resposta, e custava a aceitar. “Foi assim mesmo que Capitu falou, com tais palavras e maneiras. Falou do primeiro filho, como se fosse a primeira boneca” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 80).

Já que havia sido ele quem a fez prometer barbáries por duas vezes, — a primeira de ser ele quem lhe absolveria e daria penitência, então já considerava a hipótese de tornar-se padre, a segunda de proferir o matrimônio que uniria a jovem a outro amor; — vemos que ele propôs essas condições a uma mulher apaixonada, que apesar dos sentimentos sempre ficou atenta as artimanhas da vida, pois ela sabia que caso essas tais condições viessem a se tornar reais, o amor entre ambos

seria proibido, mas não se privaria de viver uma vida feliz ao lado de um outro alguém. Apesar de propor tais promessas infantis, quando ela disse que ele seria o sacerdote que batizaria seu primeiro filho, ele se sentiu traído, sentiu como se levasse um tapa na cara.

A jovem mesmo batendo em seu peito um coração que chamava o nome daquele que tinha o destino traçado a ser seminarista, sentia-se triste pela ideia de poder perdê-lo para sempre, mas não se dispunha a enfrentar a vida sozinha. Pois o jovem seguiria seu caminho, e ela faria o mesmo.

Capitu era uma jovem tão adorável, esperta e interativa, que até a mãe de Bentinho tinha por ela uma estima admirável, dando-lhe até o tratamento de filha.

Bento Santiago foi pra o seminário, lá conheceu Escobar e tornaram-se grandes amigos.

Ao receber uma visita de José Dias, o menino que não queria ser padre, perguntou-lhe sobre sua amada, entretanto, o agregado diz que ela tem andado alegre, chama-a de tontinha e ainda por cima diz: “*aquilo* enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que case com ela [...]” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 102, grifo nosso). Em suas palavras insinua que a moça é sem escrúpulos, a chama de “*aquilo*” como se fosse um objeto, algo que se pode jogar em um canto, ou usar quando quiser, como se ela fosse uma mercadoria. Mais, “enquanto não pegar”, expressão bastante depreciativa para ser usada ao se falar de uma mulher. Isso faz com que o leitor imagine que ela é o tipo de mulher fácil que só está esperando um homem qualquer e com *status* social que se case com ela. Dentre tantas vezes, essa foi apenas mais uma que fizeram uso para difamação da moça.

Mas Bento fora de fato atingido pelas palavras de José Dias. Assim ele reage após a ida de Dias: “Outra ideia, não, — um sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúme, leitor das minhas entranhas. Tal foi o que me mordeu, ao repetir comigo as palavras de José Dias: “algum peralta da vizinhança”. (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 103).

Bento já estava por sentir-se dono da donzela, perante qualquer ato alcovitado, sentia algo que para si já não era novo, já que notamos o ciúme doentio e exagerado que sentia por ela.

Muito mais do que ciúme doentio, demonstra estar embravecido contra o sexo oposto, como se a culpa do sentimento que o invadia fosse de todas as mulheres do universo. Com efeito, a voz da narrador a propósito é fulminante: “tudo isso é obscuro, dona leitora, mas a culpa é do vosso sexo, que perturbava assim a adolescência de um seminarista (MACHADO DE ASSIS, 2004, p.104).

“Eu só confessarei tudo o que importar à minha história” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 112). É claro que todo o roteiro desenvolvido por ele é pra se livrar de qualquer culpa. Livrando-se joga tudo sobre Capitu, justamente por ter personalidade invejada por ele, e sentindo-se ameaçado por seu amor, resolve culpá-la de adultério: como se fosse uma vingança, ele deixa indícios de traição.

O ciúme patológico tapa-lhe a visão, fazendo com que as portas do devaneio em sua mente se abram, deixando espaço livre para a imaginação de coisas onde não tem.

Esse sentimento doentio de obsessão e posse era tamanho que muitas vezes ele confessa a vontade de matar cruelmente a pessoa que lhe provocara tamanho desgosto. Note-se: “A vontade que me dava era cravar-lhe as unhas no pescoço, enterrá-las bem, até ver-lhe sair a vida com o sangue” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 121).

Vemos então Bento Santiago era um homem extremamente egocêntrico, pois achava ter a posse de Capitolina, a ponto de mandar ou proibir qualquer tipo de relação dela para com o sexo oposto, a fim de evitar o sentimento que o consumia por dentro, o ciúme doentio.

Bento Santiago e Escobar saíram do seminário. O primeiro, aos vinte e dois anos torna-se bacharel em direito. O segundo, casou-se com Sancha, amiga de Capitu.

Agora que estão crescidos e já não podem mais esconder o amor existente entre eles, numa conversa com José Dias, a moça de olhos oblíquos e dissimulados torna-se um anjo que “de olhos pensativos era a flor caprichosa de um fruto sadio e doce” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 153).

Claro, enquanto era criança, Capitu agia como tal, aprontava, brincava, interagia, mas todos tinham inveja de suas atitudes bem pensadas e rápidas nas tomadas de decisões; sempre fora esperta.

José Dias, na mesma conversa, ainda fala sobre os comentários de dona Glória sob a futura nora, “boa, discreta, prendada, amiga da gente... e uma dona de casa, que não lhe digo nada” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 153). Depois que a mãe da menina faleceu, foi ela quem tomou conta de tudo, até das despesas da casa.

O casal mais apaixonado do romance por fim se casa.

Escobar e Sancha tiveram uma filha, Capituzinha. Capitu e Bento também tiveram um filho; rapagão, robusto e lindo. Os pais faziam planos de casar os dois quando tivessem idade, propuseram que os encaminhassem a este fim, com a educação igual e comum.

Em homenagem ao grande amigo que deveria ser o padrinho de seu primogênito, mas por meio da intervenção do tio Cosme que se ofereceu para tal fim, o filho de Capitolina e Bento recebeu o nome de Ezequiel, que era o de Escobar. Bento assim justifica: “eu quis suprir deste modo a falta de compadrio”. (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 164).

Ainda após ter se casado e tido um filho, o Casmurro continuava Casmurro, sempre com ciúmes da esposa. De fato, é ele mesmo quem afirma:

Continuei, a tal ponto que o menor gesto me afligia, a mais ínfima palavra, uma insistência qualquer, muita vez só a indiferença bastava. Cheguei a ter ciúmes de tudo e de todos. Um vizinho, um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, me enchia de terror ou desconfiança (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 170).

Confessa que tem ciúmes de tudo e de todos. Ninguém poderia se aproximar da esposa, nem por um momento, nem sem intenções, que o sentimento que o corroia terrivelmente subia-lhe pelo corpo.

Por acaso do destino, Escobar morre afogado, e seu melhor amigo é encarregado de fazer o discurso, então o fez. No velório, havia muita tristeza, e Bento nota o olhar de Capitu sobre o defunto, claro, o olhar da perda de um amigo, olhar de solidariedade à viúva Sancha, que também crescera junto com Capitolina e se tornara sua melhor amiga ao longo dos anos. Entretanto, tão grande era o sentimento de posse do Dr. Bento sobre a esposa, que em suas linhas pronuncia

que ela olhou para o cadáver tão fixa, e apaixonadamente fixa, que também derramou lágrimas por alguns instantes.

Bento então se perturbara e encolerizou-se. O ciúme era algo que já não podia mais controlar: chegar ao ponto de desconfiar do amigo, em meio a tanto sofrimento e pranto, no velório do mesmo, já passava dos limites.

Capitu não dissimulou a tristeza que lhe trazia a dor da amiga, e ao por o filho para dormir, imaginou a filhinha de Sancha crescendo sem pai, na aflição da viúva.

A partir daí, o ciumento compulsivo passa a se afligir cada vez mais. Na medida em que Ezequiel cresce, vai notando a semelhança do pequeno e do finado amigo, isso o intriga mais, o perturba e, mais uma vez, como na infância, tem o desejo de matá-los, ora de golpe, ora devagar. Estava completamente descontrolado, tomado pelo despeito amoroso, e mesmo assim não trocava nenhuma palavra sobre tal acontecido com a esposa.

Certa vez comprou veneno, a princípio não iria matar o filho ou a esposa, e sim a si mesmo, devido aos pensamentos e cismas que lhe vinham à cabeça, pensamentos maníacos, que lhe diziam mentiras tais como Ezequiel era filho daquele que um dia chamara de amigo, e tudo isso por causa do olhar de piedade de Capitu sobre o defunto.

Ele ainda revela: “quando me achei com a morte no bolso senti tamanha alegria como se acabasse de tirar a sorte grande, ou ainda maior, porque o prêmio da loteria gasta-se, e a morte não se gasta” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 194).

Estava feliz em suicidar-se.

Antes de beber o café com veneno, o filho entra no escritório e então mais uma ideia perversa lhe invade os pensamentos. Iria dar o líquido ao pequeno.

Como alguém em seu juízo perfeito pensa em matar outra pessoa, ainda mais uma criança fruto de um amor de infância? Mas não, ele não estava em seu juízo perfeito coisa nenhuma, estava perplexo, com a autoestima baixa, sob coisas que lhe perturbavam desde a adolescência, e aquele ciúme que nunca lhe deixara, e agora ainda mais forte invadira seu casamento de vez, chegando ao extremo de pensarem tirar a vida do próprio filho.

Subitamente, porém, ele recuou a xícara de café com veneno e deu por si a beijar doidamente a cabeça do menino, e diz a ele que não era seu pai. Capitu surge à porta e fica pasma, indignada com o que ouvira, ela pede para que conte tudo o que sabe, já que ouvira as palavras de sua boca, que aquela criança não era filho de ambos, então o resto que ele teria a dizer ela também poderia ouvir.

Bento hesita: “há coisas que não se dizem” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 198).

Mas ele não era bobo, muito pelo contrário, era sim obsessivo, enciumado de mais, mas na infância Capitu o fez prometer que não haveria mais suspeitas entre ambos. Bento a propósito declarou: “à primeira suspeita da minha parte, tudo estaria dissolvido entre nós” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 122). Seria muito mais fácil culpar apenas a esposa, pelo fato de ser mulher justamente naquela época em que a mulher praticamente não tinha o direito de se pronunciar, e ele sairia como o injustiçado, o marido traído que tinha a garantia moral da defesa da honra.

Ele podia ter dito o que se passava para Capitu, mas não, preferiu ficar com as dúvidas que lhe eram certas, ao invés de ter, deveras, a certeza da confirmação ou negação dos fatos ditos por Capitu.

Separaram-se por vontade de ambos. Capitu e Ezequiel foram morar na Europa, Dr. Bento ia vê-los para disfarçar a separação. Sem meias confirmações, em sua cabeça a ideia de traição ganhava contornos e formas mais profundos. Continuava casmurro como sempre, e agora ainda mais.

Então Capitu morreu, e o filho voltou para ver o pai que o tratou com indiferença. Mas Ezequiel disse àquele senhor, que a mãe falava muito nele como o homem mais puro do mundo, o mais digno de ser querido. Capitu ainda o amava, o amor de infância que ainda existia e batia junto ao peito. E como toda pessoa que ama verdadeira e incondicionalmente, o perdoou pelas acusações de adultério. E, da parte dela, superou, mas ele ainda estava obcecado de mais para perdoar também.

No decorrer da história, também Ezequiel morreu. Foi enterrado em Jerusalém, mas seu pai indiferente não deu a mínima importância ao fato, simplesmente pagou a despesa da sepultura e ainda disse que gastaria o triplo para nunca mais ver o rapaz, e que apesar de tudo alimentou-se bem à noite e foi ao

teatro. Não carregava consigo nenhum remorso, nada. Agia sempre como se fosse o dono da verdade.

E a verdade era que mesmo casmurro e obcecado pelo ciúme que ainda depois de velho o tomava e remoia-lhe as entranhas, não conseguia esquecer os olhos do seu primeiro amor, “olhos de cigana, oblíqua e dissimulada” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 45).

A HETEROTOPIA FEMINISTA EM CAPITU

A heterotopia feminista é o espaço feminino de auto-representação de modificação social e sexual do gênero feminino, sua busca da identidade própria e de transformação da mulher estigmatizada em libertária. Swain assim a define:

A heterotopia feminista: Em uma experiência material específica, em um local de fala dado e datado, mulheres/feministas criam um espaço de fluidez, crítica e modificação das auto-representações das suas representações sociais sexuadas, onde a identidade é movimento, o ser e a ação política são transformação (SWAIN, 2003, p. 1).

As mulheres a partir do nascimento eram treinadas para serem boas moças e tornarem-se boas mulheres, esposas e mães idealizadas. Eram exclusivamente destinadas a isso. Sem o direito igualitário ao homem.

Prevalecia e ainda é bem comum nos dias atuais o *mito da mãe perfeita*, numa entrevista para a revista Veja, Elisabeth Badinter diz que isso se dá devido a um relato histórico da influência de Jean-Jacques Rousseau, a partir do século XVIII, que impulsionou a “concepção de família fundamentada no amor materno”, fazendo com que “as mães que [pussem] os interesses e as vontades dos filhos sempre acima dos seus [fossem] vítimas desse equívoco historicamente determinado” (BADINTER, 2011, p. 17). Percebe-se que o símbolo de *mãe perfeita* e idealizada persegue as mulheres desde muito tempo.

Conforme os estudos de Maria Lúcia de Arruda Aranha, no século XVII, a formação intelectual das mulheres não tinha tanta importância, não era prioritária:

Só as moças de tendências excepcionais seriam encorajadas a continuar os estudos, enquanto às demais reservava-se a educação religiosa e moral, que enriquecia a vida doméstica de mães e esposas. De fato, o papel da mulher no lar só poderia ser bem desempenhado se ela fosse preparada para exercê-lo (ARANHA, 2006, p. 158).

Quanto ao homem, assim estava posto: “O homem só pode tornar-se homem pela educação, e ele é tão-somente o que a educação fez dele. É ela que lhe permite atingir seu objetivo individual e social” (ARANHA, 2006, p. 181). Porém,

percebemos que a palavra homem, dentro desse contexto, é usada para destinar o sexo masculino a uma posição superior em relação ao sexo feminino, uma vez que as mulheres não tinham tal direito a educação. Portanto, considerando-se as palavras acima, quer dizer que para o homem tornar-se homem era preciso ser educado, e que a mulher, para ser mulher, deveria se concentrar apenas nos deveres do lar.

Naqueles tempos, a educação regular resumia-se em treiná-las para exercerem bem suas funções do lar. Pensava-se que a mulher nascia para se casar, cuidar dos afazeres domésticos, dar à luz e cuidar das crianças e do esposo. Não se preparava a mulher para pensar e agir, fazer parte da vida social, uma vez que, para isso, era o homem que seria preparado.

Com o passar do tempo, as mulheres conquistaram o direito à educação nos mesmos moldes masculinos, o problema então passou a ser outro: se a educação já não era mais um obstáculo a ser vencido, agora era a questão era a moral. Enquanto uns pensavam que seria bom a mulher desenvolver o lado intelectual, até para auxiliar na educação dos filhos e ser boa esposa, outros, os que não eram a favor de mudança, temiam a dissolução familiar, e usavam isso como argumento na tentativa de impedir a mulher de ir além nos estudos (ARANHA, 2006, p. 230).

Ainda viam a mulher como aquela incapaz de absorver conhecimentos tanto quanto o cérebro dos rapagões. Resumindo, incapaz de pensar e tomar decisões acertadas. A batalha para o ensino superior também foi grande. Na década de 1880 as faculdades abriram as portas para o universo feminino, entretanto, “o número de alunas inscritas permaneceu irrisório por muito tempo, isso porque a sociedade esperava das mulheres no máximo uma educada dona de casa, e não uma profissional” (SCHUMAHER, 2000, p. 6).

Pensava-se em mulher e viam logo alguém apta para ter filhos e educá-los, ser esposa dedicada e boa dona de casa. Com algumas exceções, era assim que a sociedade pensava, e demorou-se muito, portanto, a desmancharem-se tais idéias e se aceitar que a mulher tanto quanto o homem pudesse entrar na universidade e se formar.

Após esse breve histórico da luta feminina para então ter direito à educação, vamos à Capitolina ver como foi seu processo de aprendizado:

No colégio onde, desde os sete anos, aprendera a ler, escrever e contar, francês, doutrina e obra de agulha, não aprendeu, por exemplo, a fazer renda; por isso mesmo, quis que prima Justina lho ensinasse. Se não estudou latim com o padre Cabral foi porque o padre, depois de lhe propor gracejando, acabou dizendo que latim não era língua de meninas. Capitu confessou-me um dia que esta razão acendeu nela o desejo de o saber. Em compensação, quis aprender inglês com um velho professor amigo do pai e parceiro deste ao solo, mas não foi adiante. Tio Cosme ensinou-lhe gamão (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 54).

Percebe-se que na personagem machadiana havia muito interesse no novo, estava sempre em busca do saber. Entretanto, como as barreiras da época lhe impediam, na maioria das vezes não levava adiante esses projetos.

No colégio, como era de costume, aprendeu a ler, a escrever, o francês e o que não poderia faltar de forma alguma: as artes da agulha como doutrina de uma boa dona de casa. O que não conseguiu aprender no local destinado a tal fim, prima Justina se encarregou de fazê-lo, como ensinar-lhe a tecer renda.

Ao despertar curiosidades para com o latim, depois de insistir para aprender, o padre lhe disse que aquela língua não deveria pertencer ao vocabulário feminino, que não era língua para meninas. Ela teria apenas que falar a língua portuguesa, pois o padre fazia parte de um regime social fechado, e não estava disposto a desvencilhar-se dele, não para ensinar a uma moça a falar tal língua considerada de grande prestígio. Isso pelo fato de Capitu ser apenas uma mulher. E, quando pensou em estudar inglês com um professor amigo de seu pai, mais uma vez os desejos foram deixados de mão, a convenção social de que, se o latim não era língua para meninas, o inglês provavelmente também não seria.

A realidade social daquele século dizia que a mulher precisava casar-se virgem e juntamente com a igreja, acerravam a marcação pelo cuidado do corpo feminino. Não somente o corpo era motivo de cuidado, o comportamento também era essencial para denunciar uma boa moça ou uma meretriz.

Das leis do estado e da igreja, com freqüência bastante duras, à vigilância inquieta de pais, irmão, tios, tutores, e à coerção informal, mas forte, de velhos costumes misóginos, tudo confluía para o mesmo objetivo: abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social, e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas (ARAÚJO, 2006, p. 45).

A mulher não tinha o direito de ser livre sexualmente, pois, o cuidado com o corpo e comportamento eram características que todas deviam ter. Tudo estava relacionado à moral.

Todos cuidavam para que mocinha continuasse pura, ou seja, virgem, tudo em prol de uma sociedade com distinções de gênero que buscava tão somente o auto-poder masculino e da igreja, que interferia e convencionava as pessoas para tal comportamento.

O motivo para a repressão da sexualidade feminina, bem como toda sorte de repressões sofridas pela mulher ao longo da Era cristã, se baseava no mito bíblico de subalternidade da mulher em relação ao homem:

O homem era superior, e portanto cabia a ele exercer a autoridade. São Paulo, na Epístola aos Efésios, não deixa dúvidas quando a isso: “As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos como ao senhor, porque o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da igreja.... Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam sujeitas as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos”. De acordo que o macho (marido, pai, irmão, etc.) representava Cristo no lar. A mulher estava condenada, por definição, a pagar eternamente pelo erro de Eva, a primeira fêmea, que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da inocência paradisíaca. Já que a mulher partilhava da essência de Eva, tinha de ser permanentemente controlada (ARAÚJO, 2006, p. 46).

Conforme as palavras de Kramer e Sprenger, citados por Emanuel Araújo (2006) em seu artigo *A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia*, as mulheres eram tidas como “animais imperfeitos”; seriam, pois, naturalmente, “mais impressionáveis e mais propensas a receberem a influência do espírito descorporificado” (p. 47), além do que, “possuidoras de língua traiçoeira, não se abstêm de contar às suas amigas tudo o que aprendem através das artes do mal. Seria inevitável, nessa linha de raciocínio, concluir: “toda bruxaria tem origem na cobiça carnal, insaciável nas mulheres” (ARAÚJO, 2006, p. 47).

Subentende-se que as mulheres eram vistas pela sociedade medieval, hipócrita e cristã, como cápsulas abertas prontas para receber todo o mal, pois com suas línguas maléficas destruiriam a inocência das que ainda são ingênuas.

O espírito descorporificado representaria o demônio; sendo assim, a cópula está associada a algo sujo e imundo que se aproveita dos deslizes e anseios carnis para possuir a alma feminina, com isso, as fêmeas, diferentemente dos machos são

propensas a se deixar inundar por ondas malélicas direcionadas a destruir o conceito angelical e a pureza que a moça carregava.

Ainda se acreditava que o sexo feminino é insaciável de tal desejo carnal, como se o ato sexual fosse a prioridade no casamento e na vida das mulheres.

A mulher não tinha o direito de pensar em sexo, fazer sexo ou sentir as excitações provocadas pelos estímulos corporais, isso antes, durante ou depois do casamento. Enquanto os homens eram os senhores do poder, dentre eles o poder sexual, a mulher era apenas aquela que só devia querer se relacionar com o marido, quando o mesmo quisesse. Vejamos:

O casal, porém, continuava a sofrer interferências da Igreja mesmo no leito conjugal. Nada de excesso, nada de erotismo, como prescrevia São Jerônimo desde o ano de 392: “escandaloso é também o marido demasiado ardente para com sua própria mulher” porque, “nada é mais imundo do que amar a sua mulher como a uma amante [...] que se apresentem à sua esposa não como amante, mas como maridos”. Moderação, reio dos sentidos, controle da carne, era o que se esperava de ambos, pois o ato sexual não se destinava ao prazer, mas à procriação de filhos. Não devesse se evitado. Ao contrário, marido e mulher deviam empenhar-se no pagamento do “débito conjugal”, mas também aqui sob certas regras; no caso da mulher, seu desejo devia ser apenas insinuado, e, segundo os manuais de confessores, o marido tinha de estar atento e apto a perceber e atender os sinais dissimulados emitidos pela esposa recatada e envergonhada. Afinal, recusar-se a pagar o débito era pecado, mas as regras não acabavam aqui: uma vez na cama, os teólogos e moralistas condenavam o coito com o homem em pé, sentado ou por baixo da mulher, casos em que o esperma procriador poderia desperdiçar-se ao não entrar no lugar certo. Daí a condenação da lascívica que despertava a louca paixão erótica e levava à cópula irresponsável, de puro prazer (ARAÚJO, 2006, p. 59, grifos do autor).

O marido também deveria tomar cuidado, pois a esposa era a imaculada rainha do lar, e jamais poderia direcionar-se a ela como a uma amante, como uma qualquer, eles deveriam apenas se comportar como pessoas corretas sem exageros carnis. E os desejos sexuais eram abafados ainda depois do casamento. Viviam em constante regime fechado onde os desejos pelo outrem eram apenas ignorados, caso contrário, seriam castigados divinamente.

Não era proibido o sexo, entretanto, não poderiam se deixar levar pela imaginação e deixar o ato “pegar fogo”, pois o ato era apenas destinado a gerar novas vidas, e a mulher não poderia dizer abertamente ao marido que ela estava o desejando, então, fazer-lhe um convite ao ato de amor, e até as posições sexuais

eram reguladas. Qualquer tipo de posição que ameaçasse o não aproveitamento do esperma, ou seja, que ameaçasse a não fecundação, era condenado.

O casal, ainda, após o matrimônio, era destinado à viver sob mandamentos do que a boa e velha poderosa igreja esperava de modelo comportamental do conjugue, onde seus desejos de copular eram simplesmente afagados pelos medos da divindade que a religião pregava.

Capitu, ao ser proferidas as palavras de José Dias, tem uma imagem construída.

Como se já não bastasse ser acusada de “desmiolada”, o mesmo que fez o acusatório se encarrega de dizer que a moça tem olhos que o diabo lhe deu, “são assim, de cigana oblíqua e dissimulada” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 45). E mais uma vez acaba com sua moral de mulher apenas vista por olhos masculinos. Julgada e acusada sem direito de defesa. Sua identidade desde o início vem sendo construída de acordo com os comentários de José Dias, o agregado da família Santiago.

O Dr. Bento cresce ouvindo comentários maldosos sobre a personalidade e a identidade de sua futura esposa, e mesmo assim, acaba se rendendo aos encantos da menina inocente, que também descobre que o amor de sua vida mora bem perto de sua casa. Ela o conquista. Casaram-se

Capitu, diante de tantas digressões passa ter imagem de mulher meretriz, uma vadia, perante aos olhos da sociedade da época e sociedade atual. No livro *Enquanto isso em Dom Casmurro*, versão de José Endoença Martins ele compara Capitu com Madonna, um símbolo da música pop, e um símbolo sexual que causou grandes polêmicas.

A forma que ele descreve os desejos de Capitu é que a deixa com mais perversidade na imagem, poderia ter usado a palavra seios, entretanto, usou peitões (MARTINS, 1993, p. 14) para provocar no leitor certa repugna a imagem de mulher que revela a personagem. O autor faz isso com a intenção de revelar justamente o contrário, o livro é uma crítica social, em que denuncia a sociedade como machista e preconceituosa contra o feminino. Capitu encontra a liberdade do realismo presa em Dom Casmurro e vai rumo ao pós-modernismo da cidade de Blumenau.

Capitolina, a personagem, não era livre, pelo contrário, ser mulher era bastante rigoroso, ainda mais ser a mulher/esposa do Dr. Bento Santiago. De acordo com as palavras de Rodrigo Constantino: “a liberdade individual pressupõe que cada cidadão poderá agir de acordo com seus próprios valores, limitados por algumas regras gerais básicas e impessoais” (SANTOS, 2004, p. 139).

Mas elas, as mulheres, incluindo a personagem machadiana, não podiam agir de acordo com os próprios valores, agiam de acordo com os valores de seus pais, tios, irmãos, tutores. Sempre deviam cumprir as vontades dos homens de casa, segundo o que eles e a sociedade previam ser certo e de bons costumes. E não era limitado apenas a algumas regras, e sim, limitadíssimo a várias regras, pois deveriam ser apenas boas mães e esposas donas do lar.

De acordo com as palavras de Proença Filho (1998), em seu livro *Capitu Memórias Póstumas*, uma história onde a filha do Pádua pode também deixar um escrito dos acontecimentos, ela narra:

Ele buscava livrar-se da culpa e da responsabilidade. Inseguro, alguém tinha que ser culpado do seu fracasso existencial. Eu fui a escolhida...o meu fim mais que evidente, neste livro, é demonstrar a injustiça, a esmagadora injustiça do seu julgamento, a falta de sustentação do seu libelo acusatório (PROENÇA FILHO, 1998, p. 16).

Pois bem, todo o peso da culpa recaiu sobre a moça que, devido ao julgamento do esposo eivado de ciúme, passou a ser vista como uma mulher sem escrúpulos, com desejos carnavais incontroláveis, disposta a trair a confiança de quem se pusesse em seu caminho.

Mas Capitu sempre foi a namorada e depois a mulher preocupada em cuidar de seu amado. Na verdade, “amor, proteção, cuidado são elementos que definem o eu feminino, diferentemente, do eu masculino, cujos referenciais são centrados num ideal abstrato, de perfeição. O eu feminino está sempre ligado ao ato de cuidar de outrem” (GILLIGAN apud SILVA, 2006, p. 567). E era isso que ela se preocupava em fazer, além de cuidar de si, preocupava-se em cuidar dele também. Todavia, um Bento transtornado pelo ciúme injustificável em sua demasia, não percebia amor em Capitu, somente a desconfiança de seus comportamentos prevalecia.

Com efeito,

ao se tratar de ciúme, vê-se que há uma tênue linha divisória no que vem a ser imaginação, fantasia, crença e certeza. Dessa forma, no ciúme as dúvidas podem se transformar em preocupações hiperdimensionadas, ou ainda, francamente delirantes. Depois das idéias provocadas pelo ciúme, a pessoa é compelida à verificação compulsória de suas dúvidas. As dúvidas pairam em torno de um mesmo eixo: o medo do (a) parceiro (a) ser infiel. Dessa forma, as pessoas ciumentas estão em constante busca de evidências e confissões que confirmem suas suspeitas da infidelidade do (a) parceiro (a), mas ainda que a honestidade seja confirmada, cabalmente pelo companheiro (a) essa inquisição permanente se retro alimenta e ainda trás mais dúvidas ai invés de lhes dar paz (ALMEIDA, 2007. p. 60).

Percebemos que o protagonista da história machadiana tem certos surtos entre realidade e ficção. São pensamentos fantasiosos que lhe invadem a imaginação e o fazem perder o controle sobre seus sentimentos o tornando sempre fixo e delirante sobre qualquer ato de sua amada. Como se a cada passo que ela desse, fosse em busca do amor de Escobar, e não do amor por Bento Santiago. Ele se fixa na ideia de uma traição que só existe na ficção de sua mente perturbada pelo ciúme, características vistas acima, e vive em busca de detalhes ou de pistas que provem isso, como não acha nenhuma, se prende ao fato de seu filho primogênito ser parecido àquele que julga ser cúmplice das façanhas da infidelidade. Esquecendo-se que a esposa de Gurgel, a mãe de Sancha e melhor amiga de Capitu, também era parecida com a moça, e não havia nenhuma relação familiar entre as duas, a não ser a mera coincidência do destino.

Cabe a ele todas as características de um ciumento, se desvairando entre pistas que só lhe atormentava e não trazia resposta alguma. A culpa de tal infidelidade supõe-se aqui que seja tão somente do advogado, que se deixou levar pelas alucinações e foi traído por seu próprio ego.

Ainda que não houvesse nada a ser provado, pois não havia o que ser, o casmurro, ou traído, tão supostamente, se aprisionara numa existência naufragada “numa lama gelada de equívocos, adiamentos, preguiças, vaidades, covardias e egoísmo, futilidades e acomodações” (OLIVEIRA, [s/d], p. 30). Pois bem, o doutor Santiago se encarregou de fazer tudo isso ao descrever sua esposa Capitolina, pois, ao se equivocar devido ao sentimento que lhe corroe o orgulho masculino, fez interpretação errada dos fatos, acusando Capitu de um crime que nada prova que cometera: o adultério.

Em meio a tantos devaneios que lhe devastavam por dentro, não tomou nenhuma iniciativa de diálogo para com sua esposa, simplesmente manteve-se no seu lugar de egoísta chauvinista, não dando nem a ela nem a si mesmo a oportunidade de expressão que possivelmente poria fim a tanta desconfiança por parte de Bento.

Ainda de acordo com Oliveira ([s/d], p. 31), nas obras machadianas “os personagens masculinos são, em geral, medíocres, de inteligência estreita, valores rasos e a aceitação social de que desfrutam decorre do status que têm”; e, ainda, “pequenos detalhes ou incidentes podem sintetizar psicologicamente uma personagem”. Isso já descreve o homem casmurro como ele mesmo se define, tomado pelo ciúme, cega-se e cria em sua própria mente desconfianças que só existem ali. Jamais aceitaria, ele, sendo um profissional formado em direito do século XIX, ter uma esposa bonita e inteligente, que pensava no futuro e que passou toda sua adolescência se mostrando muito mais “mulher do que ele era homem” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 54), de acordo com suas próprias palavras.

Não por acaso, então, trata-se de um homem sem autocontrole que tira toda a culpa de si e a passa para aquela que sempre esteve ao seu lado. Suas atitudes de obsessão pela fidelidade de Capitu também podem ser por isso explicadas, além das características pertencentes ao indivíduo ciumento, como já vimos anteriormente, como também sua índole de machista, tão familiar à sociedade do século XIX, preconceituosa, e que por senso comum padronizava os costumes femininos:

O lugar social de onde o artista Machado de Assis inventa seu universo ficcional pressupõe não só a experiência do processo problemático e contraditório de ascensão a camadas superiores da sociedade elitista e preconceituosa, mas também a trajetória intelectual contida nesse movimento. Em outros termos, a formação intelectual de Machado (suas idéias, valores e convicção) desenvolveu-se em meio às vicissitudes da vida prática, no campo da luta cotidiana por respeito (OLIVEIRA, [s/d], p. 39).

Todo o comportamento explícito por Bento, pelo agregado à família Santiago, ou o comportamento da prima Justina no que diz respeito à figura feminina de Capitu, está relacionada à época em que se passa a história no Rio de Janeiro, em que o gênero feminino era discriminado e considerado inferior ao sexo masculino. Portanto, *Dom Casmurro* vem é uma escrita que assinala a

marginalização sofrida pelas classes e tipos sociais, entre eles a mulher, menos favorecidos num contexto de Brasil incerto entre suas vocações naturais e o pretensionismo da cultura europeia cristã conservadora.

Dom casmurro desponta, pois, como mais um símbolo da luta feminina contra a hierarquia masculina. Na obra, são pormenorizadamente, como é próprio à estética realista, analisados os processos históricos de lutas de classes sociais em que, por exemplo, buscava-se o direito de a mulher ser tanto quanto o homem. O direito entre o masculino e o feminino sem distinção preconceituosa e discriminatória, as quais, àquela época, eram “confusões a que não havia como escapar, marcas genuínas da inautenticidade de nosso processo cultural. Nesse ponto o século XX não mudou tudo, e a própria história da assimilação do marxismo no Brasil mostra muita coisa comparável” (SCHWARZ, 1997, p. 87).

Os tempos passaram e ainda existem vestígios dessa hierarquia numa sociedade que se diz moderna.

Afrânio Coutinho comenta:

Muito se tem discutido sobre essa crueldade machadiana. Tem-se indagado por que teria ele resolvido transformar o idílio da infância numa infidelidade revoltante. A resposta está um pouco naquele programa traçado anteriormente no conto — “Lágrimas de Xerxes”. A realidade da vida lhe parecia tão absurda decepcionante, que o homem não tem o direito de colocar em coisa alguma um sentimento de triunfo, porque “toda epifania receberá essa nota de sarcasmo”, a fim de que o homem não ponha a sua complacência em nenhuma realidade, pois no fundo das coisas esse encontra uma infidelidade radical: a incapacidade delas em saturar a aspiração de absoluto do coração humano. Infiel é a vida. Capitu é a imagem da vida (COUTINHO, 2002, p. 167).

De fato, a imagem da vida pulsando-lhe nas veias com identidade própria e feminina. Mas, vivendo naquela sociedade Capitu é apenas mais uma mulher a quem é negado o direito de ser mulher conforme sua própria decisão de sê-lo. Tem sua imagem construída pelo marido que, também impulsionado pela sociedade da época, é levado a se comportar de forma que o denunciam como obsessivo e enciumado demais.

De acordo com Almeida (apud SAYÃO, 2007, p. 32), “os ciumentos quase sempre caminham para a ruptura com o ser amado e para a solidão”. Bentinho afastou-se de seu amor mandando-a morar na Europa com o filho, fingia aos

familiares ir visitá-la, mas na verdade nunca apareceu, ele se trancafiou em si mesmo, excluindo-se do mundo e não amou mais ninguém. “Talvez porque nenhuma tinha os olhos de ressaca, nem os de cigana oblíqua e dissimulada” de Capitu (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 2009).

A heterotopia feminista em Capitu destaca, portanto, uma mulher que estava em constante transformação, buscando a liberdade de sua identidade. Capitu, mulher que estava um passo à frente de sua época e foi (e não temos certeza se ainda não o é) julgada e condenada devido a isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notemos, então, que *Dom Casmurro* denuncia a sociedade machista do século XIX, mas ainda a mesma sociedade patriarcalista de rótulo judaico-cristão de antes dos anos oitocentos e também de hoje em dia.

Capitu sempre foi uma mulher que estava à frente de seu tempo, com suas atitudes liberais as quais o marido não aceitava. Capitu transformou o espaço onde viveu em busca de sua heterotopia, de seu lugar no mundo, buscou modificar e criticar a época na qual estava a sociedade sua contemporânea, rompendo os preceitos que lhe eram paradigmas.

A personagem machadiana conquistou e conquista mundo afora mulheres que vêem em seu exemplo de vida uma personalidade com a qual modernamente se identificam. Denunciou e rejeitou o mundo machista e hipócrita à sua volta, não se furtando o direito de exhibir seus trejeitos de mulher livremente, risonha e dinâmica, capaz de conversar com homens e mulheres naturalmente.

Sem sombra de dúvidas, Capitu será para sempre um símbolo de mulher autolibertária, que rompeu com os paradigmas de sua época. Um ícone da mulher brasileira que ajudou a materializar as conquistas sociais e os direitos da mulher deste século, o XXI, assim como Leila Dinis, atriz que quebrou tabus existentes no Brasil, Joana Paula Manso, editora de *O Jornal das Senhoras*, de 1822 a 1855, a gaúcha Rita Lobato Velho Lopes, que foi a primeira médica a se formar no Brasil, entre outras tantas mulheres, no Brasil e no mundo, que lutaram para ter e garantir os direitos de existirem segundo uma personalidade propriamente feminina, e serem consideradas cidadãs em igualdade de condições nas mais diversas relações com os homens.

Portanto, Capitu é aqui situada como um símbolo da busca pela liberdade do gênero e sexo femininos, que intrigou a sociedade de seu tempo pela força de seu comportamento e atitudes nem angelicais nem demoníacos. Era ela, num tempo que a condição de ser era privilégio do gênero masculino, simplesmente, uma mulher.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Thiago de. **Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: http://pandora.cisc.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-06032007-173046/publico/Ciume_romantico_e_infidelidade_amorosa.pdf> Acesso em: 20 de ago. 2011.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia Geral no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: PRIORI, Mary del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.
- COUTINHO, Afrânio dos S. **A Literatura no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Global, 2002.
- FILHO, Domício Proença. **Capitu: Memórias Póstumas**. Rio de Janeiro: Artium, 1998.
- FAZZOLARI Davi; BERGEL Mariana. **Discutindo literatura [especial]**, São Paulo: Escala Educacional, n. 1, ano 1.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. **Dom Casmurro**. São Paulo: Gold, 2004.
- MARTINS, José Endoença. **Enquanto isso em Dom Casmurro**. Florianópolis: Alpha Centuri, 1993.
- OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. Machado de Assis, o lince. **Discutindo literatura**, n. 4, ano 1.
- SABINO, Fernando. **Amor de Capitu**. São Paulo: Ática, 2000.
- SANTOS, Rodrigo C. dos. **Prisioneiros da liberdade**. Belo Horizonte: Soler, 2004.
- SCHUMAHER, Schuma. **Abrealas: O Feminismo Na Virada do século XIX e XX**. Rio de Janeiro, 2000.

SILVA, Maria Aparecida Morais de. De colona a bóia fria. In: PRIORI, Mary del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

SOUZA, José Galante de. **Machado de Assis e outros estudos**. Brasília: Cátedra, 1979.

SWAIN, Tania Navarro. As heterotopias feministas: espaços outros de criação. **Labrys, estudos feministas**, n. 3, jan./jul. 2003. Disponível em: <<http://www.tanianavarroswain.com.br/labrys/labrys3/sumario.htm>>. Acesso: 25 ago. 2011.